

A revelação divina no pensamento de Andrés Torres Queiruga: os lugares teológicos como sinal de esperança da humanidade

Felipe de Moraes Negro¹

Resumo: Objetiva-se neste artigo apresentar lugares teológicos da revelação divina no pensamento de Andrés Torres Queiruga, especialmente em sua obra *Repensar a Revelação*. Justifica-se este objetivo, ser esse autor o responsável por apontar os *locis theologici* da revelação a partir da concepção de “maiêutica histórica”, proposta inovadora no âmbito da teologia fundamental. Para atingir esse objetivo, analisaremos inicialmente a questão da revelação como experiência humana, tendo Deus e o homem como sujeitos diferentes e correlacionados um ao outro. Na perspectiva de Queiruga, a revelação não cai do céu, como algo estranho aos humanos. O processo revelador integra-se na própria constituição do ser humano. Deus toma a iniciativa de se revelar. Revela-se a todos e desde sempre na generosidade irrestrita de seu amor. Em seguida, expor-se-á o modo como esse Deus que se revela na história, tendo seu ápice em Jesus Cristo, tem presença reveladora também na relação do cristianismo com as outras religiões. Pois todas as religiões são verdadeiras e constituem, por isso mesmo, caminhos reais de salvação, para os que buscam viver a fé de forma honesta.

Palavras-chave: Revelação. Teologia Fundamental. Experiência humana. Salvação.

INTRODUÇÃO

Objetiva-se através deste artigo compreender o pensamento de Andrés Torres Queiruga acerca da Revelação de Deus na história, evidenciando esta, como sendo a maneira efetiva e encarnada de Deus oferecer a Salvação à humanidade, sem favoritismos, por meio daquilo que o autor denomina lugares teológicos da Revelação.

Nisso, compreende-se a salvação que se faz presente ao longo da história e justifica-se a necessidade de efetivar-se o diálogo entre as religiões, pois elas são também lugares de revelação. Desse modo, efetivar nos homens e mulheres o ardente desejo de aguçar a esperança para se buscar efetivamente e na história a salvação Plena de Deus.

1 O CARÁTER UNIVERSAL DA REVELAÇÃO

Segundo Andrés Torres Queiruga, a revelação é algo que nasce de dentro: um dar-se conta do que Deus está procurando dar-nos a conhecer através da realidade. Da realidade em seu modo de ser criatura, com os fortes impulsos que procuram orientar o mundo e a história

¹ Graduado em Filosofia e Teologia pela PUC-Campinas. Mestrando em Ciências da Religião pela PUC-Campinas

para sua humanização, e com os impulsos que dentro de nós procuram levar-nos ao bem, à fraternidade e à plenitude na comunhão com Ele.

Deus está se manifestando a nós continuamente através de tudo, tratando de abrir um pouco mais nossa capacidade, de vencer nossas cegueiras, de superar nossas resistências. Deus, ao longo da História vai se revelando, e nós o percebemos a partir do momento em que, como humanos, sabemos contemplar e perceber através de nossa sensibilidade a ação reveladora de Deus.

Deus está realmente presente em todas as pessoas, e se revela a elas, apesar de todas as deformações. Revela-se, sobretudo, nas experiências mediadoras das tradições religiosas. Existe um *continuum* salvífico e revelador na experiência religiosa da humanidade. Segundo o autor, a revelação de Deus se deu ao longo da História de forma real e concreta a um povo, o povo de Israel:

Deus está realmente presente em todos os homens; estes, em sua experiência religiosa, captam essa presença como revelação ativa e salvadora: entre eles há um povo, o de Israel, que vive e expressa de modo específico, por sua intensidade e por sua pureza essa revelação iniciando assim a história santa que aparece recolhida na Bíblia (TORRES QUEIRUGA, A. A revelação de Deus na realização humana, p. 151.)

Em todo processo revelador, segundo o autor, Deus é que vai tomando a iniciativa, Ele se coloca como alguém que vem ao encontro do ser humano e quer revelar-se da mesma forma a todos, independente de raça, cultura ou condição social.

Deus foi se revelando ao longo da História da Salvação no Antigo Testamento e nas diferentes religiões, mas em Jesus Cristo, graças à sua humanidade totalmente aberta ao seu amor e ao seu convite, Deus finalmente pode mostrar seu rosto mais verdadeiro e definitivo.

Enfim, a revelação consiste em “aperceber-se” do Deus que, como origem fundante e amor comunicativo, está “já dentro”, habitando a criação e manifestando-se nela. Segundo Torres Queiruga, Deus vai se revelando ao ser humano num movimento constante de surpresa e descoberta, na presença como também na ausência, no encontro e na procura constante daquele que sacia a fome de vida, paz, justiça e amor.

De alguma maneira o homem está sempre “vendo” a Deus, co-afirmando sua presença. Na vida ordinária, ele tão somente necessita que algo o desperte, que sacuda sua atenção.

Segundo o autor, a revelação não consiste em algo estático, mas traz em si uma dinamicidade, um constante dar-se a conhecer dinâmico. “A pessoa só é conhecida enquanto se dá a conhecer, só está presente enquanto se faz presente”.

A revelação de Deus na realização humana nada mais é do que dizer que Deus não se revela, a não ser na e para humanização dos homens e mulheres que buscam dar maior sentido e razão de ser para a sua existência.

Deus se revela para nos tornar mais humanos, solidários e fraternos, construindo o sonho de Deus de uma sociedade de irmãos e irmãs. Enfatiza-se assim, que as religiões constituem a maneira de Deus revelar-se e dar-se a conhecer por meio do diferente. E neste sentido, faz-se necessário o diálogo, de modo a que todo ser humano possa experimentar a salvação na plenitude, que nos é apresentada toda vez que a partir da história colocamos em prática a vontade de Deus que gera o bem, aguça a esperança e oferece, na liberdade, a felicidade plena proveniente de Deus, na história, por meio da ação humana.

Desse modo, a história, sendo o lugar da revelação e nela havendo lugares em que essa revelação aconteça, faz-se necessário que entendamos através do método estipulado por Torres Queiruga, o modo que se dá esse mecanismo da revelação de Deus.

Etimologicamente a palavra maiêutica deriva do:

grego maieutikos (subentendido tekhnē), a arte de fazer dar à luz. Como a arte de fazer os espíritos darem à luz, a maiêutica designa o método pelo qual Sócrates levava seus interlocutores a descobrirem a verdade que trariam em si mesmos, sem saber. (TORRES QUEIRUGA, A. A revelação de Deus na realização humana, p. 119.)

Aplicada às questões que brotam da revelação divina, a partir do pensamento de Torres Queiruga, a maiêutica pretende aproximar-se da gênese ou do próprio nascimento da experiência reveladora, sem necessidade de abandonar a exigência crítica.

É preciso ficar claro que a concepção de revelação divina, em seu sentido mais radical, proporciona a captação da presença do Divino na existência concreta do ser humano. Concomitantemente, entender-se-á que essa será a condição para o alcance do pleno sentido da vida humana. A literatura queiruguiana ressalta que a clareza essencial da manifestação de Deus plenifica e enleva o ser humano. Torna-o apto a enfrentar as suas perguntas, aspirações, angústias e esperanças.

O homem experimenta a sensação tanto de transcendência quanto de imanência, diante da concretude histórica da sua existência. Por isso o próprio nome “maiêutica” remete à história e acentua o seu qualificativo. A revelação divina, segundo o pensamento de Torres Queiruga, não é um presente dado por Deus para um grupo de privilegiados guardarem no escondimento de sua etnia. Em função da finitude humana, não alcançaremos a percepção absoluta da revelação, pois ela é constantemente atualizada.

A partir de Jesus Cristo, Deus cria o ser humano para plena realização. A concepção de um Deus que invade o inconsciente coletivo dos cristãos cria aversão, medo, descrédito.

Vivemos num tempo em que crentes ou não crentes, não suportam mais as exigências vindas de uma mentalidade religiosa tradicionalista, formalista e ritualisticamente estéril.

2 REVELAÇÃO E ESCATOLOGIA: A ESPERANÇA CRISTÃ

Segundo Torres Queiruga, as diferentes esferas da atividade humana são como que o corpo no qual a revelação busca se encarnar. Um corpo que tem sua dinâmica, forma seu mundo e se integra nas diferentes culturas.

De um lado a revelação evita que o ser humano permaneça preso à banalidade, a idolatrias e, de outro, o mantém aberto para a emergência humana no encontro com Deus. A revelação como última e autêntica realização do homem não atenta contra sua autonomia. Ao contrário, interessa-se por ele de forma positiva e o promove. “Na realização do ser humano realiza-se a revelação, a qual por sua vez constitui sua última e suprema possibilidade”.

O Concílio Vaticano II na *Gaudium et Spes* nº 21 confirma isto:

A esperança escatológica não diminui a importância das tarefas temporais, mas antes proporciona novos motivos de apoio para seu exercício. Faltando, ao contrário, esse fundamento divino e essa esperança de vida eterna, a dignidade humana sofre gravíssimas lesões.

A revelação como realização última do ser humano coloca-o como um ser crente, aberto e plenificado na comunhão com Deus que vem ao seu encontro desde o mais além de sua finitude. A revelação leva-o a superar o “mau” e o “bom” do esforço humano por compreender-se e realizar-se.

Acolher a revelação na fé significa fazer a descoberta de que a totalização do homem, atravessando e incluindo em si todo o seu esforço cultural, completa-se ultimamente no encontro pessoal com Deus, o qual se converte, assim, na chave que tudo ilumina de novo e permite sua integração definitiva.

Para o autor, quando em suas buscas o homem reconheceu seu esforço de autenticidade e acolhida consciente da revelação, “a totalização de seu ser no insuperável encontro com o amor e com a intimidade de Deus, sabe que então tocou o mais alto e insuperável de seu ser. Encontrou a pérola e o tesouro que valem mais do que tudo e pelos quais tudo se pode vender”.

Sendo assim, a revelação como realização última do homem não é uma metáfora e sim a culminância. Não se pode confundir o visível e o palpável com o real: a realidade definitiva do homem está justamente nesta fronteira inacessível e sempre entregue ao movimento da liberdade humana que acolhe o dom da liberdade divina. É isso que o eleva continuamente acima de si, de modo que, a partir da fé, o ser humano vai se definindo pelo encontro com o Deus que se entrega livremente.

Neste sentido, o ser sempre mais humano pertence-lhe como um constitutivo ontológico. Segundo Torres Queiruga, em Cristo a autocomunicação de Deus alcança sua plenitude insuperável e definitiva. A partir da revelação como realização última do homem, para o autor, quando em suas buscas o homem reconheceu seu esforço de autenticidade e acolhida consciente da revelação, “a totalização de seu ser no insuperável encontro com o amor e com a intimidade de Deus, sabe que então tocou o mais alto e insuperável de seu ser. Encontrou a pérola e o tesouro que valem mais do que tudo e pelos quais tudo se pode vender”.

A partir da revelação como realização última do homem, a salvação do ser humano deixa de aparecer também como uma interrupção ou irrupção externa, para ser uma eclosão de dentro do próprio processo, que na ‘plenitude dos tempos’ abre à ação criadora as últimas portas para sua realização definitiva na humanidade.

Criação, salvação, glorificação formam, desse modo, o *continuum* do amor divino, que, criando-nos filhos e filhas, nos acompanham na dura luta do crescimento histórico até acolher-nos na filiação plenamente realizada, quando o “conheceremos como somos conhecidos” (Cf. 1Cor 13, 12) (TORRES QUEIRUGA, A. p. 90).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo o presente texto sobre os lugares teológicos da revelação de Deus, nota-se que, ao falar de revelação na experiência humana e na história, o autor não discute a fundo a categoria de experiência e nem de história. Não deixa claro em que consiste cada uma delas.

Uma das questões, por exemplo, que não aborda é a dimensão política da história. Ou seja, a percepção das implicações que a mensagem cristã apresenta no campo político e social; e o desafio de ver como a mensagem cristã, o pensamento teológico, podem desenvolver uma nova relação entre teoria e práxis.

Os valores da tradição bíblica como a justiça, a paz, a liberdade, a reconciliação não são um horizonte vazio, mas trazem consigo uma dimensão pública e uma função crítico-libertadora diante do processo histórico e social. Jesus, ao proclamar a Boa Notícia do Reino, a salvação, foi impulsionado a uma prática política, na relação com os diferentes grupos religiosos-políticos de seu tempo.

A revelação cristã constitui uma fé que não leva apenas a tomar consciência dos valores cristãos e de uma relação viva com Deus, mas também compromete a uma transformação social e política da vida e da realidade. É importante saber reler a história da salvação e o processo evangelizador também nesta perspectiva, levando, assim, a uma fé mais viva e a uma consequente *praxis* libertadora.

Outra observação ao pensamento do autor é que ele, ao falar da revelação de Deus nas diferentes expressões religiosas, não faz menção da revelação de Deus na experiência

religiosa vivida em expressões culturais, simbólicas e litúrgicas da fé cristã ou em outras expressões religiosas.

A dimensão religiosa contempla necessariamente o aprofundamento da experiência de Deus que se dá também a partir da cultura. A cultura pode tornar-se um lugar da revelação de Deus, pois é a partir de sua cultura que o ser humano busca o sentido da vida, da morte, da convivência. Aprende-se a olhar a revelação não somente do ponto de vista da fé, mas também em experiências religiosas litúrgicas que o ser humano realiza através das expressões simbólicas e culturais.

Não podemos absolutizar o que dizemos sobre Deus. Nenhuma das formulações feitas sobre Deus é absoluta. Compreende-se, pois, que toda religião é revelada na justa medida em que significa dar-se conta desta presença de Deus e acolhê-la em contraste com o ateísmo que nega tal presença.

Concluindo, vemos que Deus se revela a nós de maneira única e irrestrita em seu amor que é sem medida. Cabe a nós, como humanos, sermos resposta a esta revelação de Deus. Ele de muitos modos se revelou ao longo da história da salvação, na Tradição da Igreja, na Palavra. Quanto mais permitirmos acolher a presença de Deus em suas diferentes formas de se revelar, mais poderemos fazer a experiência de seu amor, bondade e misericórdia.

Diante das diferentes manifestações religiosas, das diferentes questões relacionadas com a fé, a religião, segundo Andrés Torres Queiruga, muitas vezes, faz-se necessário reaprender a fazer silêncio. Silêncio do missionário em meio às demais culturas e tradições religiosas, silêncio que é contemplação das maravilhas que Deus já vem operando em todos os povos, em cada ser humano. Por outro lado, é preciso estarmos preparados para tomar a palavra e dar as razões de nossa fé.

REFERÊNCIAS

GONÇALVELS, P. S. L. Identidade e Sabedoria: A Reflexão Teológica como Veritatis Gaudium, Revista de Cultura Teológica.

METZ, J.B. Memoria passionais. Una evocación provocadora en una sociedade pluralista. Santander: Sal Terrae, 2007.

PANSIEWICZ, R. Criação, Revelação e Salvação: Uma leitura da identidade Cristã a partir da Teologia de Andres Torres Queiruga, REVER – Revista de Estudos das Religião, v. 16, n. 1 (2016): *Para além das imanenças – Homenagem a Afonso M. L. Soares*

PASTOR, F.A. O discurso do método em Teologia, in GONÇALVES, P. S. L. Deus Inefável. Tratado temático do Deus da Revelação. Aparecida: Editora Santuário, 2015, p. 33-50.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23º ed. São Paulo: Cortez, 2007

TORRES QUEIRUGA, A. “Replanteamento actual de la teodiceia: Secularización del mal, Ponerologia, Pisteodiceia, em M. Fraijó y J. Masiá (eds) Cristianismo e Ilustración, cit., 241-292

TORRES QUEIRUGA, A. Teologia desde la Modernidad: Revista Iberoamericana de Teologia 1 (2005) 51-86.

TORRES QUEIRUGA, A. Repensar o mal: da ponerologia à teodicéia. 1ªed.São Paulo: Paulinas, Trad: Afonso Maria Ligório Soares,2011

TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a revelação: revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010

TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do Cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. Tradução: Afonso Maria Ligório Soares – São Paulo: Paulus, 2003.